

## ENTRELINHAS: LEITURAS E COSTURAS EM APRENDIZAGENS NO TERREIRO DE UMBANDA

ALINE MUNHOZ REDU<sup>1</sup>; MÁRCIA RITA DIAS<sup>2</sup>; ISTELOMAR PEREIRA AMARO<sup>3</sup>  
RITA DE CASSIA TAVARES MEDEIROS<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - [alineredu79@gmail.com](mailto:alineredu79@gmail.com)

<sup>2</sup>Tenda de Umbanda Caboclo João das Matas - e-mail do autor 2 (se houver)

<sup>3</sup>Tenda de Umbanda Caboclo João das Matas – [stellafestas@gmail.com](mailto:stellafestas@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - [redfreinet@gmail.com](mailto:redfreinet@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das interações no projeto de extensão “Ler o Brasil, com crianças e mulheres, com o apoio da Casa Sueli Carneiro” que oferta, para a comunidade da Vila Castilhos e arredores, aulas de reforço escolar com ênfase na cultura, religiosidade e história afro diáspórica. As ferramentas utilizadas estão ligadas à literatura infantil e às abordagens pedagógicas que ultrapassem as perspectivas escolares, apresentando, para isso temáticas que sejam possíveis de alinhavar com suas realidades. O projeto também oportuniza, às mulheres da comunidade, a participação em um curso de costura, que pode se apresentar a elas como uma possibilidade de sociabilidade, afetividade, coletividade, criação e renda. O Curso de Costura que era inicialmente voltado às pessoas adultas, cativou as crianças que se realizam ao manusear as máquinas buscando em cada ponto ressignificar o tecido que toca as mãos, da mesma forma que desejam ajustar o tecido da vida. Esse projeto de extensão é uma ramificação do grupo de pesquisa *Omo Kékèré - Infâncias de Terreiro*, desenvolvido desde maio de 2022, junto a oito terreiros de tradições de matriz africana, em três cidades do Brasil, vinculado às atividades do “Núcleo de Estudos e Pesquisas *E'LÉÉKÒ*: Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais”.

É realizado em parceria com a Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO), por meio do projeto “Primeira Infância no Centro: Enfrentamento do racismo como garantia do pleno desenvolvimento infantil”, coordenado pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra, em parceria com *Porticus Latin America* Instituição que atua no enfrentamento às desigualdades e no apoio de grupos vulnerabilizados na América Latina. Ele se justifica pela necessidade de problematizações, reflexões e produções teórico-práticas tendo como centralidade crianças de terreiro, pretas e periféricas; a insurgência de epistemologia e metodologias pretas no campo dos estudos sobre primeira infância; a enunciação de uma cultura infantil de terreiro; e a compreensão sobre os efeitos do racismo.

Dentro de nossa pesquisa havíamos identificado um terreiro que se propunha a trabalhar com crianças e mulheres, uma ideia antiga da Cacica, que tinha uma meta em promover ações que não fossem tipicamente caracterizadas como assistencialistas, mas formadoras. Fomos contempladas com esta possibilidade. Fortalecer mulheres negras de terreiro para atuar junto a um projeto com crianças numa comunidade que fica no centro da cidade, mas que por ser

predominantemente negra, mantém as características excluientes das comunidades periféricas. Sem esgoto, calçamento, e outras condições advindas da

desigualdade. Ao concorrer a este edital fomos contempladas com um conjunto de livros literários infantis, infanto-juvenis e adultos e outras atividades na comunidade, dentre elas a costura. Conseguimos adquirir umas máquinas de costura usadas e montamos um ateliê junto a uma sala de leitura. Estamos falando de um terreiro incrustado e edificado numa encruzilhada entre terreiras, carnavais e escolas públicas. Trata-se de um reduto marcado pela desigualdade visível em suas ruas e ao mesmo tempo potencialmente rico em suas familiaridades e sociabilidades negras, seja em eventos tradicionais de hip hop, rodas de samba ou blocos carnavalescos, seja nas religiosidades de tradições de matriz africana. Inicialmente, havíamos planejado um projeto em que os livros viajassem entre os terreiros em estudo, para tanto, tínhamos produzido com uma artesã, as “Leituras Viajantes”, mas o ano de 2024, com as enchentes, nos retirou dessa possibilidade, porque o estado de calamidade pública que se instalou, nos levou a adiar e em 2025 começamos a ação de forma mais contínua.

## 2. METODOLOGIA

O projeto é desenvolvido com um grupo de 10 crianças, até o momento, de 6 a 12 anos pertencentes da comunidade em torno do Terreiro de Umbanda que fica localizado em uma área periférica, bem próxima à área central da cidade, porém bastante estigmatizada, localizada na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. As atividades acontecem no turno inverso às aulas da rede pública Municipal, com o objetivo de ofertar aulas de reforço nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências e Arte. Contribuindo para o desempenho escolar e valorizando e evidenciando o contexto cultural e religioso das crianças.

As aulas acontecem duas vezes por semana, com duração de 2 horas cada, em um espaço que fica nas dependências do terreiro, após a aula é servido o lanche. A abordagem metodológica apresenta-se de forma lúdica, inclusiva e antirracista, utilizando jogos pedagógicos, contação de histórias e atividades interativas, aulas passeio, respeitando os saberes e as vivencias das crianças. No projeto atuam uma estudante da graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, uma professora integrada na comunidade desde sua infância e pertencente da corrente no Terreiro, a própria Cacica da comunidade de Terreiro, Istelamar Pereira Amaro, que nos acolhe, apoia e orienta, além de organizar o espaço para nos receber. O trabalho está em andamento e já foram realizadas duas etapas, a primeira se refere ao levantamento das obras de literatura infantil disponíveis para o início das aulas, foram estudadas as possibilidades de utilização e a melhor época para isso. Em um segundo momento começamos a acolhida das crianças com atividades atrativas, como o “Baobá Goods” aproveitamos o interesse das crianças por livros de pintura e inserimos o elemento sagrado ancestral. A atividade teve grande adesão entre as crianças todas participaram e quiseram expor seus conhecimentos sobre a árvore. Nesse contexto trabalhamos Cultura, Ciências da Natureza, escrita espontânea e Arte.

## 3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A costura do tempo na perspectiva afro-diaspórica não acontece de forma linear, ela acontece de forma espiralar, como destaca Leda Martins “um tempo que

não elide as cronologias, mas que a subverte" (Martins, 2021. p. 42). Nessa subversão as vivencias das crianças pertencentes da cultura de Terreiro rompe com a interpretação de educação escolar eurocêntrica, seus corpos performam ancestralidade quando batucam o tambor com imponência, quando movem suas saias com reverencia ao sagrado, no ritmo das palmas seus corpos revelam que o aprendizado ancestral rege suas existências.

No primeiro encontro, peço licença para entrar na casa; nesse espaço sagrado, afro-diaspórico. Duas semanas depois eu estava almoçando na mesa com a família e entendendo do que se tratava aquela experiência. Nesse espaço-tempo ancestral vou aprender muito mais do que ensinar. (Diário de campo, 4 de julho de 2025)

No terreiro é assim, todos comem juntos, entre as crianças no lanche se tem pouco, todos dividem. Não é necessário fazer essa orientação, a prática da divisão é habitual para eles. O sentimento de pertencimento àquela comunidade é intrínseco, naquele ambiente estão suas relações intimas e cotidianas. Algumas crianças da pesquisa são da mesma família e moram juntas, mesmo as outras se conhecem a muito tempo. O início das aulas com as crianças desvelou a distância entre a educação do terreiro e a educação escolar e quanto a escola tradicional condiciona a criança, principalmente periférica, a sensação de não pertencer àquele meio. Cláudia Fonseca (ano) nos convoca a pensar sobre as famílias estendidas, não necessariamente unidas por laços biológicos, mas entremeadas pelos laços da herança ancestral e das marcas da religiosidade. As crianças conhecem e se reconhecem no território e utilizam palavras que vão dando conta deste pertencimento: "somos primas; moramos juntas; somos irmãs". Apresento aqui um excerto que nos faz pensar:

Os meninos tamboreiros: Ao chegar na terreira vejo dois meninos entre 8 e 10 anos performando, quase em um transe, cantavam todos os pontos com autonomia batucavam seus tambores com seriedade e imponência. Suas pequenas mãos batiam forte e rápido o tambor, enquanto tocavam dominavam aquele fazer com mestria e imponência. Aquele era o lugar deles.

Durante a semana esses mesmos meninos estavam na aula de reforço demorei um tempo para reconhecer a postura deles era outra, cabisbaixos se mostravam inseguros, nem pareciam os mesmos meninos imponentes da gira. (Diário de Campo 7 de julho de 2025)

Esse trecho reflete que as vivências escolares daqueles meninos não tornaram a aprendizagem escolar um lugar de segurança e sim um lugar de exclusão. Por outro lado, o Terreiro os abraçou e acolheu, abriu as portas para que nesse lugar de segurança a aprendizagem escolar possa ser fortalecida dentro deles, e que vejam que podem ser imponentes em todos os lugares.

Há as que se fazem imponentes (independente da circunstância): Era uma aula passeio, em meio a um Museu nada parecia chamara atenção significativamente da menina, até que ela atravessou a sala e admirou a estátua de uma mulher negra, ela se agigantou diante da figura que admirava. Em um segundo momento, já em outro ambiente ela avista uma pintura e dispara "Que mulher linda! Posso tirar uma foto" (Diário de Campo 1 de agosto de 2025)

Figura 1.

Figura 2.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Este projeto de extensão propõe-se a atuar a partir da escuta e do acolhimento das necessidades dessa comunidade, buscando fortalecer a aprendizagem escolar dessas crianças, ao mesmo tempo que promove sua cultura e religiosidade. Para as mulheres do curso de costura fomenta o caráter ancestral dessa prática, uma reunião de mulheres negras periféricas trocando saberes e movimentando o meio em que vivem. Assim reconhecendo o Terreiro como um espaço de formação e de resistência social combatendo por meio da educação antirracista, a intolerância religiosa e o racismo estrutural.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. C; MEDEIROS, R. (org.) **Culturas Infantis de Terreiro**: agenciando memórias, histórias e narrativas. Porto Alegre: Rede Unida, 2022.

MARTINS, L. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Corrobogó, 2021.

NOGUEIRA, R; ALVES, L.P. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, 17, 48, p. 533-554, 2021.

FONSECA, C. Vai-e-vem de crianças. **Mulherio**, VII, 30, 1987.

FONSECA, C. Crianças em circulação. **Ciência Hoje**, 11, 66, p. 32-41, 1990.

FONSECA, C. “Mãe é uma só?” Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. **Psicologia USP**, 13, 2, p. 49 - 68, 1990.